



Artigo

# Histórias Infantis como Mediadoras do Desenvolvimento Emocional e Intercultural na Infância

**Cátia Hilário Santos**

UIDEF, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa  
catiahilariosantos@gmail.com | ORCID:0009-0006-2232-4729

## Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão teórica desenvolvida a partir de uma revisão da literatura sobre o papel da literatura infantil enquanto recurso pedagógico na promoção do desenvolvimento emocional e da educação intercultural na infância. Com base numa abordagem fundamentada em princípios humanistas e democráticos, discute-se de que forma a mediação de leitura no primeiro ciclo do ensino básico pode favorecer competências socioemocionais, como a empatia, a escuta ativa e o respeito pela diversidade. As histórias, ao mobilizarem o imaginário infantil, criam espaços simbólicos de diálogo e promovem a valorização da diversidade, a construção de vínculos afetivos e a convivência democrática. Realça-se, ainda, o papel do educador enquanto mediador cultural e facilitador de encontros dialógicos através da leitura, contribuindo para transformar a escola num ambiente inclusivo e promotor de justiça social. A relevância da temática é evidenciada pela escassez de estudos que articulem, de forma integrada, literatura infantil, desenvolvimento emocional e interculturalidade no 1.º ciclo do ensino básico.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Desenvolvimento emocional; Interculturalidade; Mediação de leitura; Cultura de paz.



## Abstract

This article presents a theoretical reflection based on a literature review on the role of children's literature as a pedagogical resource in fostering emotional development and intercultural education in childhood. Grounded in a humanistic and democratic approach, it discusses how reading mediation in the first cycle of basic education can enhance socio-emotional skills such as empathy, active listening, and respect for diversity. By engaging children's imagination, stories create symbolic spaces for dialogue and promote the appreciation of diversity, the building of affective bonds, and democratic coexistence. The role of the educator as a cultural mediator and facilitator of dialogical encounters through reading is also highlighted, contributing to the transformation of the school into an inclusive environment that promotes social justice. The relevance of this topic is reinforced by the scarcity of studies that integrate children's literature, emotional development, and interculturality within the context of the first cycle of basic education.

**Keywords:** Children's literature; Emotional development; Interculturality; Reading aloud; Culture of peace.

## Percurso Metodológico

Este artigo constitui uma reflexão teórica baseada numa revisão de literatura, com o objetivo de analisar o potencial da literatura infantil como mediadora do desenvolvimento emocional e intercultural na infância. A sua elaboração teve como referência a dissertação de mestrado da autora, intitulada *Entre Contos: O contributo das histórias infantis na promoção de uma cultura de paz e da educação intercultural* (Santos, 2005), que fundamenta e orienta as reflexões apresentadas neste texto. Para a seleção das referências bibliográficas, foram consultadas as bases de dados SciELO, ERIC, Google Scholar e o Repositório da Universidade de Lisboa, privilegiando publicações dos últimos 20 anos relacionadas com as seguintes temáticas: literatura infantil, mediação de leitura, desenvolvimento emocional, interculturalidade, cultura de paz e educação inclusiva. Os critérios de inclusão assentaram na relevância teórica, na atualidade das contribuições e na pertinência dos autores no campo da educação e da literatura infantil. A opção metodológica ancorou-se numa abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com ênfase na articulação entre os referenciais humanistas e os princípios da



educação intercultural, à luz dos contributos de autores como Freire (2016), Candau (2002, 2005, 2008), Banks (1999, 2004), Vygotsky (1984) e Bettelheim (2002), entre outros.

Embora de natureza teórica, esta reflexão abre caminho para estudos empíricos que analisem o impacto das práticas de mediação leitora na formação emocional e intercultural das crianças.

### **Histórias que Educam: A Literatura Infantil na Promoção da Paz e da Interculturalidade em Contexto Escolar**

No atual contexto educativo português, marcado pela crescente diversidade cultural nas escolas, a literatura infantil adquire um papel estratégico na promoção da convivência democrática e no combate a discursos de intolerância e exclusão, a literatura infantil pode desempenhar um papel essencial na formação ética e cultural das crianças, não apenas pela sua função lúdica, mas também enquanto recurso didático para a construção de valores fundamentais, como o respeito, a tolerância e a empatia. Nas escolas do primeiro ciclo, cada vez mais multiculturais, as histórias tornam-se instrumentos privilegiados para o desenvolvimento da consciência intercultural e da cultura de paz, permitindo às crianças aceder a múltiplas realidades e vivências de forma simbólica, segura e profundamente significativa (Abramovich, 1997). Esta abordagem favorece um processo de ensino-aprendizagem mais afetivo e centrado no sujeito, respeitando as singularidades e promovendo uma educação inclusiva e transformadora.

Na mesma linha de reflexão, Akkari (2013) evidencia a importância do pensamento de Paulo Freire na valorização da diversidade cultural como eixo estruturante de uma pedagogia orientada para a humanização e a transformação social. A educação intercultural proposta por Freire constitui uma prática política que reconhece as identidades diversas dos sujeitos, propondo uma pedagogia dialógica, alicerçada na escuta, no respeito e na valorização das culturas populares. No contexto do ensino básico, esta perspetiva permite que as crianças aprendam a ver o outro não como estranho, mas como parte de um universo partilhado de diferenças que enriquecem, ampliam horizontes e consolidam a democracia cultural no espaço escolar. Ao considerar a educação para a paz como um direito humano fundamental, Araújo Freire (2006) salienta a necessidade de práticas educativas que estimulem a convivência solidária, o diálogo e a superação construtiva dos conflitos.

A autora sublinha que não é possível educar para a paz sem reconhecer as estruturas de opressão que violam os direitos humanos e comprometem a dignidade dos sujeitos. Assim, as histórias



infantis, quando mediadas, podem favorecer a interiorização de valores éticos e morais que sustentam relações de respeito mútuo e justiça social, sendo indispensáveis para o florescimento de uma cultura escolar voltada para a cooperação e o bem comum. A investigação desenvolvida por Aubert et al. (2008) reforça a relevância da aprendizagem dialógica como metodologia eficaz na promoção da participação crítica dos alunos e no combate às desigualdades educativas. Integradas nas práticas pedagógicas, as tertúlias dialógicas literárias constituem espaços de interação igualitária, nos quais todas as vozes são valorizadas, independentemente da origem cultural, do nível socioeconómico ou das capacidades cognitivas.

Quando aplicadas no contexto da literatura infantil, estas estratégias ampliam as possibilidades de reflexão crítica sobre o mundo, fortalecendo a coesão social e o sentimento de pertença à comunidade escolar. Do ponto de vista da educação para a cidadania, Balça (2007) destaca que a literatura infantil pode contribuir significativamente para a construção de sujeitos ativos, críticos e participativos. Os contos, ao explorarem valores como a solidariedade, a justiça e o respeito pela diferença, abrem caminho para uma educação ética e democrática, essencial no contexto contemporâneo, marcado por fenómenos como o racismo, a xenofobia e a exclusão. Neste sentido, os livros infantis deixam de ser apenas fontes de entretenimento e assumem um papel central na formação de uma consciência social sensível à diversidade e à alteridade.

### **Entre Palavras e Culturas: O Papel das Histórias Infantis na Educação para a Paz**

As histórias infantis, para além de estimularem a imaginação e a criatividade, podem também contribuir para formar cidadãos conscientes e comprometidos com valores de justiça e equidade. Ao abordarem temas universais, como o respeito, a solidariedade ou a coragem, as histórias promovem a construção de significados partilhados que ajudam a consolidar uma cultura de paz entre os mais jovens. Banks (1991,2004) defende que os processos educativos devem ir além da mera transmissão de conteúdos, considerando as experiências culturais dos alunos como ponto de partida para o desenvolvimento de uma pedagogia inclusiva e crítica. Neste enquadramento, as histórias assumem-se como recursos fundamentais para abordar a diversidade de forma dialógica e integradora, contribuindo para a valorização das identidades plurais que caracterizam a escola contemporânea.

No âmbito da cidadania global, reforça que o ensino deve estar orientado para a justiça social e para a preparação dos alunos para viverem num mundo marcado pela diversidade étnica, cultural e linguística. Esta proposta alinha-se com os objetivos da educação intercultural, descritos na presente



investigação, que reconhece na literatura infantil um meio eficaz para desenvolver atitudes de empatia, cooperação e respeito pelas diferenças. Ao envolverem as crianças em narrativas que transcendem fronteiras, os contos possibilitam o reconhecimento de valores universais que sustentam a paz e promovem uma ética da convivência, onde o outro não é visto como ameaça, mas como oportunidade de crescimento mútuo. A literatura infantil revela igualmente uma forte influência na iniciação ao gosto pela leitura e no desenvolvimento da linguagem. Barros (2013) sublinha o contributo das histórias no processo de aquisição da leitura, destacando que o contacto precoce com a literatura desperta o interesse pelo mundo letrado e possibilita o desenvolvimento de competências cognitivas e comunicativas essenciais à vida em sociedade.

No âmbito da educação para a paz, a leitura configura-se como uma prática cultural que aproxima, une e cria pontes entre culturas diversas, promovendo a construção de vínculos afetivos e sociais saudáveis desde os primeiros anos de escolaridade. Ao refletir sobre a importância da palavra e da linguagem na formação de consciências críticas, Bastos (2014, pp. 18-22) enfatiza que as práticas educativas devem criar espaços de escuta, partilha e significação. A literatura infantil, enquanto instrumento simbólico, possui o poder de nomear o mundo, de questionar o instituído e de abrir caminhos para a transformação social. Quando trabalhadas de forma sensível e crítica, as histórias tornam-se ferramentas de diálogo intercultural e de desconstrução de preconceitos, criando condições para que os alunos aprendam a respeitar o outro na sua singularidade e complexidade, e não apenas como figura distante ou estereotipada.

O contributo da psicanálise para a compreensão dos contos de fadas, especialmente no campo da educação, foi explorado por Bettelheim (2002), que evidencia o papel simbólico destas narrativas na formação do “eu” e na resolução de conflitos internos. Através da linguagem simbólica, as crianças projetam nas personagens os seus medos, desejos e angústias, encontrando soluções imaginárias para os seus dilemas emocionais. No contexto da cultura de paz e da interculturalidade, esta dimensão emocional da leitura é fundamental, pois permite às crianças elaborar afetivamente as diferenças culturais, os desafios do convívio com a diversidade e os conflitos que daí emergem, transformando a experiência literária numa vivência educativa integral e humanizadora. A dimensão intercultural das histórias infantis pode estender-se além da sala de aula, envolvendo famílias e comunidades, fortalecendo a ponte entre cultura escolar e cultura familiar



## Educar para a Paz com Histórias: Mediação de Leitura como Ferramenta Intercultural no Primeiro Ciclo

A leitura é uma prática social essencial, que contribui de forma significativa para a formação do sujeito e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Brito (2010) sublinha que a leitura influencia diretamente a formação social do indivíduo, proporcionando-lhe instrumentos para interpretar o mundo, refletir criticamente sobre a realidade e agir de forma consciente. No contexto do ensino básico, a mediação de leitura de obras infantis que abordam temáticas como a paz, a amizade, a tolerância e a diversidade pode fomentar a formação de leitores críticos e empáticos.

Ao analisar a relação entre a tradição oral e as novas tecnologias na arte de contar histórias, Busatto (2011) destaca que, mesmo em tempos de ciberespaço, a narrativa continua a exercer um fascínio ancestral, estruturando identidades e promovendo laços comunitários. A leitura partilhada de contos infantis, sobretudo em contexto escolar, permite recuperar esse sentido de pertença, favorecendo a transmissão de valores e a construção de uma linguagem comum que respeita as diferenças. O contador de histórias — aqui entendido como mediador cultural — desempenha um papel central na criação de ambientes de aprendizagem afetivos e acolhedores, nos quais a diversidade cultural não é apenas reconhecida, mas celebrada. Esta abordagem favorece práticas pedagógicas centradas no afeto, no vínculo e na valorização da singularidade de cada criança.

Para além do seu valor ético, simbólico e pedagógico, é igualmente fundamental reconhecer o valor estético das obras literárias, garantindo que a sua seleção considere a qualidade literária, a riqueza expressiva e o potencial artístico, de modo a que a experiência de leitura contribua também para o desenvolvimento do gosto estético e da sensibilidade artística das crianças. Assim, a escolha das obras a integrar na mediação pedagógica deve ter em conta não apenas os valores sociais e emocionais que transmitem, mas também a sua qualidade literária e estética.

Um conto infantil deve ser reconhecido como literatura de qualidade, capaz de oferecer riqueza expressiva, criatividade e profundidade narrativa — elementos que despertam o gosto e a sensibilidade artística das crianças. Obras clássicas, como as narrativas dos Irmãos Grimm ou de Monteiro Lobato, bem como autoras e autores contemporâneos que exploram a diversidade cultural, podem desempenhar esse duplo papel de descoberta e de formação crítica.

Entre as diversas formas de representação presentes na literatura infantil, encontram-se também histórias que descrevem o outro como alguém diferente, desconhecido ou até ameaçador. Essas



narrativas, embora possam reproduzir estereótipos culturais, oferecem uma oportunidade educativa valiosa quando mediadas de forma crítica e sensível. Permitem refletir sobre os medos e preconceitos que se constroem em torno da diferença e convidam à desconstrução simbólica das fronteiras que separam “nós” e “eles”. Nikolajeva (2012) lembra que o poder da literatura infantil reside precisamente na forma como as imagens e as palavras produzem significados sobre pertença e exclusão, cabendo ao mediador transformar esses significados em experiências de diálogo e empatia.

No álbum ilustrado *O Estranho* (Ringi, 2018), a chegada de um visitante diferente desperta desconfiança numa comunidade aparentemente harmoniosa. O medo e a rejeição inicial traduzem uma atitude defensiva perante o desconhecido, mas, à medida que a história se desenrola, o leitor descobre que o verdadeiro perigo está na recusa em acolher. As ilustrações de cores frias e traços contidos acentuam o sentimento de distância e solidão, até que o calor da aceitação revela a beleza da convivência e da descoberta do outro. A narrativa conduz-nos à consciência de que a diferença não ameaça — enriquece.

Também *O Muro no Meio do Livro* (Agee, 2020) trabalha com delicadeza a metáfora do medo e das fronteiras simbólicas. Um pequeno cavaleiro acredita estar protegido de um lado do muro, julgando o outro lado perigoso e hostil. No entanto, o desenrolar da história inverte essa percepção: o “perigo” está precisamente na rigidez das certezas e na incapacidade de ver além do muro. Através de uma linguagem simples e de imagens expressivas, a obra questiona os muros que erguemos dentro e fora de nós, propondo a curiosidade e o encontro como caminhos de superação.

Estas histórias, quando partilhadas com as crianças em espaços de leitura, oferecem oportunidades únicas para dialogar sobre medo, empatia e aceitação. Ao identificar as emoções e os julgamentos presentes nas narrativas, as crianças aprendem a reconhecer os próprios sentimentos e a compreender a importância do olhar atento e do respeito pelas diferenças. A educação intercultural não se limita ao reconhecimento da diversidade (Walsh, 2009), mas implica o compromisso ativo de aprender com o outro. As histórias que abordam o “estranho” convidam, portanto, a ultrapassar o medo e a transformar a diferença em possibilidade de encontro, tornando-se instrumentos pedagógicos de educação para a paz e para a convivência democrática.



## A Literatura Infantil como Mediadora do Desenvolvimento Emocional

A literatura infantil tem-se consolidado como um importante instrumento de mediação simbólica para o desenvolvimento emocional das crianças. Ao apresentar histórias que abordam conflitos, sentimentos e dilemas éticos, os contos infantis oferecem oportunidades para que as crianças reconheçam, nomeiem e compreendam emoções em contextos simbólicos seguros. Riquelme e Munita (2017) destacam que, quando mediada por adultos, a leitura de histórias permite às crianças explorar situações familiares e novas experiências de forma dialogada, favorecendo a construção de competências socioemocionais como a empatia, a autorregulação e a escuta ativa.

Denham (1998, 2007) aponta a compreensão emocional como um dos pilares da competência socioemocional e salienta que crianças capazes de identificar e expressar emoções de forma adequada tendem a apresentar maior aceitação social, menor incidência de comportamentos agressivos e melhor desempenho escolar. Nikolajeva (2012), ao analisar livros ilustrados, mostra como elementos visuais — expressões faciais, linguagem corporal e metáforas visuais — contribuem para a leitura emocional das narrativas, ampliando as possibilidades de identificação e projeção por parte do leitor infantil.

Do ponto de vista psicanalítico, Bettelheim (2002) argumenta que os contos de fadas atuam como catalisadores simbólicos, auxiliando as crianças a lidar com medos, frustrações e angústias através de uma linguagem metafórica. Neste contexto, histórias como *A História do Dragão e do Pequeno Galo*, *O Lápis Mágico de Malala* e *Os Músicos de Bremen* oferecem recursos simbólicos para abordar uma variedade de temas, incluindo inveja, vaidade, promessas não cumpridas, direitos das crianças, guerra, refugiados, colaboração, diversidade de competências e trabalho em equipa.

*A História do Dragão e do Pequeno Galo* oferece uma perspetiva sobre a mitologia e a cultura chinesa, permitindo às crianças explorar tradições, festividades e valores culturais, ao mesmo tempo que promove a reflexão sobre confiança, vaidade, cumprimento de promessas e resolução pacífica de conflitos. A narrativa incentiva a solidariedade, o respeito mútuo e a cooperação na resolução de desentendimentos, promovendo competências socioemocionais como empatia, autocontrolo e inteligência cultural.

*O Lápis Mágico de Malala* oferece uma perspetiva sobre a vida de Malala Yousafzai, uma jovem do Vale de Swat, no Paquistão, conhecida por ser a mais jovem laureada com o Prémio Nobel da Paz devido à sua coragem e perseverança na defesa dos direitos humanos e da educação, especialmente do direito das meninas à educação. A narrativa permite refletir sobre interculturalidade, cultura de paz,





igualdade de género e cidadania global, ajudando as crianças a compreender os desafios enfrentados em diferentes contextos culturais e socioeconómicos e a desenvolver empatia e consciência social.

A fábula *Os Músicos de Bremen*, originária da Alemanha, oferece uma perspetiva sobre colaboração, diversidade de competências e superação de obstáculos através do trabalho em equipa. Os animais, rejeitados pelos seus donos devido à idade avançada, unem-se para iniciar uma nova vida como músicos na cidade de Bremen. A história promove valores de solidariedade, confiança, justiça e cooperação, reforçando a cultura de paz e a interculturalidade na educação infantil. Desta forma, a literatura infantil, ao apresentar histórias culturalmente ricas e emocionalmente significativas de diferentes partes do mundo, cria espaços para o diálogo, a partilha de experiências e a reflexão — elementos essenciais para o desenvolvimento das competências emocionais e interculturais das crianças.

A proposta pedagógica de educação multicultural desenvolvida por Candau (2002) evidencia a necessidade de uma escola crítica, inclusiva e comprometida com a justiça social. Ao valorizar a interculturalidade como princípio educativo, a autora sublinha que é preciso ir além da tolerância para alcançar o reconhecimento ativo das culturas e saberes diversos que compõem a sociedade. Neste quadro, a mediação de leitura assume um papel estratégico na promoção do respeito mútuo, permitindo que as crianças reconheçam e validem as suas histórias de vida, assim como as dos colegas. Ao partilharem narrativas de diferentes origens, os alunos desenvolvem competências socioculturais e socioemocionais fundamentais para a construção de uma cultura de paz e da coesão social no ambiente escolar.

Candau (2005) reforça que a educação para a diversidade deve integrar o currículo escolar de forma transversal, articulando teoria e prática na construção de sujeitos críticos e solidários. O espaço da sala de aula transforma-se assim num lugar privilegiado de diálogo, onde a literatura infantil, mediada com intencionalidade pedagógica, possibilita o encontro de culturas e a desconstrução de estereótipos. Esta prática educativa promove uma escuta ativa e sensível, essencial para o desenvolvimento da empatia e da ética da responsabilidade. A literatura infantil, nesse sentido, não apenas entretém, mas educa, formando cidadãos comprometidos com os valores democráticos e com a transformação social.

A abordagem multicultural crítica proposta por Candau (2008) oferece contributos importantes para a compreensão da interculturalidade como prática pedagógica transformadora. Para a autora, não basta incluir conteúdos culturais no currículo; é necessário repensar a própria estrutura da escola, os



processos de ensino-aprendizagem e as relações interpessoais à luz do respeito pela diferença. A mediação de leitura, ao criar oportunidades para o diálogo entre diferentes visões de mundo, revelam-se uma estratégia significativa de resistência à homogeneização cultural e ao preconceito. Quando mediadas com intencionalidade, as histórias infantis tornam-se espaços simbólicos de afirmação da diversidade, permitindo às crianças vivenciar valores de equidade, justiça e cooperação desde as etapas iniciais da educação.

### **A Literatura Infantil como Mediadora do Desenvolvimento Intercultural**

A literatura infantil desempenha também um papel central na promoção do diálogo intercultural, ao possibilitar que as crianças contactem diferentes culturas, línguas, modos de vida e visões de mundo. Nesse sentido, os contos infantis funcionam como pontes simbólicas entre realidades diversas, favorecendo o reconhecimento da alteridade e a valorização da diversidade desde os primeiros anos de escolaridade. Num contexto global em que as identidades se constroem através de múltiplas pertencas, a literatura infantil constitui-se como um espaço simbólico de resistência e de promoção da diversidade cultural.

Segundo Candau (2002, 2005, 2008), a educação intercultural deve ir além da mera tolerância à diferença, promovendo o reconhecimento ativo das múltiplas identidades culturais presentes no espaço escolar. A mediação de leitura, quando orientada de forma intencional, pode contribuir para esse objetivo ao proporcionar um ambiente de escuta, diálogo e partilha de narrativas que refletem a pluralidade humana.

Entre os exemplos de narrativas que promovem o desenvolvimento intercultural, destacam-se histórias que apresentam personagens de culturas diversas, como Chapeuzinho Vermelho em diferentes versões culturais, ou contos indígenas brasileiros que valorizam saberes e cosmovisões originárias. Estas narrativas possibilitam o contacto simbólico e afetivo com outras realidades culturais, ampliando a compreensão da diversidade e fomentando o respeito e a inclusão desde a infância.

Teresa Colomer (2017) defende que os livros infantis são veículos privilegiados para a partilha de valores e saberes culturais, especialmente em contextos marcados pela heterogeneidade social e étnica. A autora ressalta que a literatura infantil tem a capacidade de representar o mundo de forma simbólica e afetiva, criando um terreno fértil para a construção de vínculos entre leitores de diferentes origens.



Também na literatura lusófona encontramos exemplos que valorizam o encontro entre culturas e a celebração da diferença. *Meninos de Todas as Cores* (Luísa Ducla Soares) apresenta, de forma simples e poética, a igualdade entre crianças de todo o mundo, enquanto *As Duas Amigas – O Encontro* (Cátia Hilário e Silvia Dwyer) retrata, com sensibilidade e humor, a amizade entre meninas de contextos culturais distintos — uma portuguesa e uma brasileira —, destacando a importância do diálogo, da curiosidade e da partilha. Estas obras ilustram de modo simbólico e acessível o diálogo intercultural no universo infantil.

A interculturalidade, segundo Catherine Walsh (2009), deve ser entendida como um processo permanente de troca, comunicação e aprendizagem entre culturas, baseado na simetria, no respeito mútuo e na legitimação de saberes historicamente marginalizados. A mediação de leitura torna-se, assim, uma prática pedagógica decolonial, ao dar visibilidade a vozes e narrativas que muitas vezes permanecem invisibilizadas no currículo tradicional.

Os contos infantis que abordam temas como racismo, migração, desigualdade ou solidariedade podem servir como ponto de partida para discussões significativas sobre cidadania, ética e convivência democrática. Neste contexto, a literatura infantil deixa de ser apenas um instrumento de alfabetização e passa a afirmar-se como recurso de mediação cultural, capaz de sensibilizar as crianças para a importância do respeito pelas diferenças e da construção coletiva de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural, tal como defende Banks (1999, 2004) ao propor uma abordagem multicultural crítica, que articula conteúdos culturais com o compromisso com a justiça social.

### **Tertúlias Literárias e Cidadania Global na Educação Intercultural**

A análise da educação como fenómeno cultural exige compreender também os rituais, práticas e experiências que estruturam a vida escolar. Chase (2014) sublinha o papel do direito, da cultura e dos rituais na resolução de conflitos, destacando a importância da escuta, da mediação e do respeito mútuo. Transpondo esta reflexão para o contexto da educação básica, percebemos que os contos infantis, quando explorados em contextos colaborativos como as tertúlias dialógicas, assumem um papel simbólico e formativo essencial. Eles promovem a escuta, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, criando um espaço simbólico onde é possível partilhar significados, negociar sentidos e resolver conflitos culturais de forma pacífica e educativa. Este ambiente pedagógico contribui para a criação de comunidades de aprendizagem onde a cidadania global começa a ser praticada desde cedo.



Chauí (1989) defende que a defesa dos direitos humanos exige uma cultura capaz de enfrentar o medo, a ignorância e a intolerância. A autora argumenta que a violência simbólica, manifestada através da exclusão e do preconceito, deve ser combatida com práticas educativas que promovam o pensamento crítico e a valorização do outro. Nesse sentido, os contos infantis — ao apresentarem histórias de amizade, justiça, diversidade e superação — funcionam como poderosos antídotos contra a banalização da violência e como instrumentos de formação ética. Quando trabalhados nas escolas, estes textos literários incentivam os alunos a questionar normas injustas, a reconhecer diferentes realidades e a agir com responsabilidade social, formando assim sujeitos mais conscientes e ativos na sociedade. A formação leitora das crianças vai muito além do simples acesso aos livros: exige mediação intencional que proporcione um encontro significativo com o texto. Coelho (2000) defende que a literatura infantil deve ser compreendida em toda a sua dimensão estética, ética e pedagógica, contribuindo para a construção do sujeito leitor desde os primeiros anos de escolaridade. No contexto da educação para a paz, esta formação torna-se ainda mais relevante, pois a leitura mediada de contos promove empatia, escuta ativa e a capacidade de se colocar no lugar do outro. Ao mergulharem nas histórias, as crianças descobrem novos mundos, identificam conflitos e aprendem a resolvê-los simbolicamente, desenvolvendo valores que sustentam o convívio democrático e plural.

A criança, ao envolver-se com os contos, confronta-se com medos, perdas, injustiças e esperanças, num processo simbólico que a prepara para os desafios da vida em sociedade. Esta dimensão psicológica da leitura infantil é igualmente central para a educação intercultural, permitindo que a criança reconheça a alteridade, tanto interna como externa, e compreenda a diferença não como ameaça, mas como parte natural e enriquecedora da condição humana.

### **Contar para Transformar: Histórias Infantis na Promoção da Paz e da Diversidade Cultural**

A formação para a cidadania e para a paz deve integrar a leitura como prática reflexiva e crítica, destacando que a literatura infantil e juvenil constitui um recurso poderoso para introduzir as crianças no universo da cultura e dos valores sociais (Colomer, 1999). As histórias, ao problematizarem situações de injustiça, desigualdade ou exclusão, tornam-se instrumentos pedagógicos que estimulam o pensamento ético e a sensibilidade social. Trabalhar estas narrativas em sala de aula constitui, assim, uma estratégia eficaz para desenvolver a consciência moral, a capacidade de argumentação e o compromisso com a transformação da realidade, contribuindo para a construção de uma cultura escolar mais solidária e democrática.



As tertúlias literárias dialógicas, enquanto prática educativa das Comunidades de Aprendizagem (2017), representam um modelo inovador de mediação da leitura, que potencia a participação de todos os alunos, independentemente da sua origem social, cultural ou cognitiva. Nesta metodologia, as crianças são convidadas a partilhar interpretações pessoais dos textos, a escutar ativamente os colegas e a construir coletivamente os significados da leitura (Comunidades de Aprendizagem, 2017).

Quando aplicadas à literatura infantil, estas tertúlias promovem a inclusão e o diálogo intercultural, fortalecendo os laços comunitários e preparando os alunos para atuarem como cidadãos críticos e respeitadores da diversidade. O ambiente cooperativo que se constrói nestes encontros reforça a aprendizagem emocional e ética, constituindo um contributo relevante para a educação para a paz.

### **Considerações Finais**

A leitura mediada, quando articulada com estratégias de diálogo intercultural como as tertúlias literárias dialógicas, permite criar ambientes educativos inclusivos, onde a pluralidade de vozes é acolhida e respeitada. Esta prática reflete os princípios de uma pedagogia humanista, tal como defende Paulo Freire (1970/2021), ao colocar o sujeito no centro do processo educativo e reconhecer o seu papel ativo na construção do conhecimento e na transformação do mundo que o rodeia. A literatura analisada demonstra que o envolvimento das crianças com as histórias favorece a interiorização de valores universais e estimula a partilha de experiências culturais distintas. Investir na mediação da leitura, sobretudo através da literatura infantil, vai além de uma ação pedagógica: representa um compromisso ético e político com a construção de escolas mais democráticas, equitativas e promotoras dos direitos humanos.

A formação leitora mediada desde os primeiros anos de escolaridade deve ser compreendida como parte de um projeto educativo mais amplo, orientado para a formação de cidadãos críticos, solidários e conscientes, capazes de promover a cultura de paz nas suas comunidades e na sociedade em geral. A análise realizada ao longo deste artigo evidencia que a literatura infantil, quando mediada de forma intencional e afetiva, constitui uma estratégia valiosa para a promoção da inclusão, do respeito pela diversidade cultural e da construção de uma cultura de paz. As histórias, ao serem lidas e partilhadas em grupo, despertam competências socioemocionais essenciais, como a empatia, a escuta ativa e a valorização do outro. Mais do que simples textos ficcionais, os contos infantis transformam-se em espaços simbólicos de aprendizagem ética e cidadã, onde os valores da justiça, da solidariedade



e da cooperação são vividos e sentidos, contribuindo para a construção de uma educação que valoriza o humano em todas as suas dimensões.

### *Implicações educativas e perspectivas futuras*

A literatura infantil, ao servir como mediadora entre emoção, imaginação e conhecimento, convida a repensar as práticas pedagógicas à luz de uma abordagem mais integradora e sensível. Os educadores e mediadores de leitura assumem, neste processo, um papel crucial: são facilitadores de experiências simbólicas que ajudam as crianças a reconhecerem-se como sujeitos emocionais e culturais. Neste sentido, a formação docente deve incluir uma dimensão estética e intercultural, capacitando os profissionais da educação para selecionar obras literárias diversificadas e conduzir leituras que estimulem o diálogo, a empatia e o pensamento crítico.

A integração da literatura infantil no currículo, especialmente no 1.º ciclo, requer também o reconhecimento institucional de que ler é um ato cultural e político. A escola, ao promover o encontro com narrativas plurais, transforma-se num espaço de resistência à homogeneização cultural e à indiferença. Esta perspetiva alinha-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da UNESCO, nomeadamente o ODS 4 — Educação de Qualidade — e o ODS 16 — Paz, Justiça e Instituições Eficazes —, reforçando o papel da leitura na construção de comunidades mais justas e inclusivas.

Do ponto de vista da neuroeducação, autores como António Damásio (2010) e Daniel Goleman (1995) salientam que as emoções são fundamentais para a aprendizagem e a tomada de decisões éticas. Assim, a literatura infantil pode funcionar como um “laboratório emocional”, permitindo às crianças experimentar sentimentos, compreender o ponto de vista do outro e desenvolver autorregulação emocional. Este contributo torna-se essencial num mundo globalizado, em que o diálogo intercultural exige competências emocionais e comunicativas cada vez mais refinadas.

Para o futuro, seria pertinente que novas investigações empíricas analisassem o impacto concreto das práticas de mediação de leitura sobre o desenvolvimento emocional e intercultural das crianças em diferentes contextos educativos. Estudos de caso em bibliotecas escolares e municipais, bem como projetos de intervenção baseados em tertúlias literárias, poderiam oferecer dados relevantes sobre como a leitura partilhada contribui para a coesão social e a convivência democrática.

Conclui-se, assim, que a literatura infantil é mais do que um instrumento didático: é uma via privilegiada de encontro entre culturas, sentimentos e saberes. O seu potencial transformador reside



na capacidade de humanizar a educação, cultivando a empatia, a solidariedade e o respeito mútuo — valores indispensáveis à construção de uma cultura de paz e de uma cidadania global ativa.

## Referências Bibliográficas

- Abramovich, F. (1997). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. Scipione.
- Akkari, A. (2013). Paulo Freire e a diversidade cultural: Um humanismo político-pedagógico para a transculturalidade na educação. *Reflexão e Ação*, 21, 461–481. <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3208>
- Araújo Freire, A. M. (2006). Educação para a paz segundo Paulo Freire. *Educação*, 29(2), 387–393. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/449>
- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Hipatia.
- Balça, Â. (2007). Era uma vez... da literatura infantil à educação para a cidadania. In A. Azevedo et al. (Orgs.), *Imaginários, identidades e margens* (pp. 262-269). Gailivro.
- Banks, J. A. (1991). Educação multicultural: desafios e possibilidades. In F. Silva (Org.), *Educação multicultural: teoria e prática* (pp. 21–49). Aquariana.
- Banks, J. A. (1999). *An introduction to multicultural education*. Allyn and Bacon.
- Banks, J. A. (2004). *Teaching for social justice: Diversity and citizenship in the global world*. Routledge.
- Barros, P. R. P. de B. (2013). *A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura* [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium]. <https://pdf4pro.com/view/a-contribui-199-195-o-da-literatura-infantil-no-19305b.html>
- Bastos, M. (2014). *Cadernos do LALE – Série Reflexões*.
- Bettelheim, B. (2002). *A psicanálise dos contos de fadas*. Paz e Terra.
- Brito, D. S. (2010). A importância da leitura na formação social do indivíduo. *Revela*, 4(8), 1–35. [https://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4\\_ed08.pdf](https://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf)
- Busatto, C. (2011). *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço* (3ª ed.). Vozes.
- Candau, V. M. (Org.). (2002). *Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas*. Vozes.
- Candau, V. M. (Org.). (2005). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. DP&A.
- Candau, V. M. (2008). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Vozes.
- Chase, O. G. (2014). *Direito, cultura e ritual: sistemas de resolução de conflitos no contexto da cultura comparada* (S. Arenhart & G. Osna, Trans.). Marcial Pons.





- Chauí, M. (1989). Direitos humanos e medo. In A. C. R. Fester (Org.), *Direitos humanos* (pp. 15–36). Brasiliense. <https://www.dhnet.org.br/direitos/textos/humanismo/chauui.html>
- Coelho, N. N. (2000). *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. Moderna.
- Coelho, N. V. (2003). *O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos*. Difusão Cultural do Livro.
- Colomer, T. (1999). *Introducción a la literatura infantil y juvenil*. Síntesis Educação.
- Colomer, T. (2017). *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Global.
- Comunidades de Aprendizagem. (2017). *Módulo 7 - Tertúlias dialógicas: formação em comunidades de aprendizagem*. CREA. [https://comunidadesaprendizagem.dge.mec.pt/sites/default/files/2020-09/ied\\_modulo07\\_final.pdf](https://comunidadesaprendizagem.dge.mec.pt/sites/default/files/2020-09/ied_modulo07_final.pdf)
- Denham, S. A. (1998). *Emotional development in young children*. Guilford Press.
- Denham, S. A. (2007). Dealing with feelings: How children negotiate the worlds of emotions and social relationships. In J. L. Matson (Ed.), *Social and emotional development* (pp. 1-48). Cognition, Brain & Behavior.
- Freire, P. (2021). *Pedagogia do oprimido* (70ª ed.). Paz e Terra. (Original publicado em 1970)
- Nikolajeva, M. (2012). *Power, voice and subjectivity in literature for young readers*. Routledge.
- Riquelme, E., & Munita, F. (2017). Contributos da literatura infantil para o desenvolvimento da empatia. *Educação, Sociedade & Culturas*, 45, 97–113.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. Martins Fontes.
- Walsh, C. (2009). Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. In V. M. Candau (Org.), *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, dívidas e propostas* (pp. 12–42). 7 Letras.